

Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução

(Discursive Neurolinguistics: aphasia as translation)

Maria Irma Hadler COUDRY*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

RESUMO

Este artigo apresenta parte do trajeto histórico da Neurolinguística Discursiva, retomando conceitos e práticas que articulam discurso com atividade constitutiva, cérebro com linguagem/trabalho. Os dados de linguagem produzidos em meio à visão discursiva e à reflexão acerca da afasia possibilitam por em destaque processos de significação que se interpõem na impossibilidade de dizer por meio de arranjos que selecionam e combinam palavras, o que faz fluir o discurso. Os dados mostram que sujeitos afásicos não dispõem, como antes, dos recursos expressivos para significar, mas experimentam na interlocução outros processos de significação que ajudam na tradução intra e inter-semiótica.

PALAVRAS-CHAVE

Neurolinguística. Afasia. Dislexia. Transtorno do déficit de atenção. Práticas com a linguagem.

* Sobre a autora, ver página 36.

ABSTRACT

This paper shows part of the historical course of Discursive Neurolinguistics, retaking concepts and practices that articulate discourse with constitutive activity, brain with language and work. A discursive point of view enabled us to show up specific processes in aphasic language that affect the speech flow. The data show that aphasic subjects do not have, as before, the expressive resources to mean, but use other ways and the experience in other processes to help them in the translation meaning intra-and inter-semiotics.

KEYWORDS

Neurolinguistic. Aphasia. Dyslexia. Attention-deficit hyperactivity disorder. Language practices.

Só se for em alemão: afasia como linguagem

SL¹ conta seu primeiro impacto sobre o que é afasia² e a condição de ser afásico. No início do tratamento a fonoaudióloga lhe disse que seria preciso aprender tudo de novo. *Só se for em alemão*, respondeu ele.

A situação por que passou **SL** faz pensar, por um lado, na complexidade do fenômeno da afasia – tal como a linguagem – e, por outro, na banalidade como é tratado o sujeito afásico, supondo que perdeu/esqueceu tudo que sabe, que co-ocorre um declínio de inteligência e tudo isso em uma relação assimétrica em que um sabe tudo e o outro não sabe nada.

Só se for em alemão quer dizer várias coisas³: como um afásico que tem dificuldade de dizer coisas, consegue ser tão preciso e adequado com tão poucas palavras; como **SL** consegue desqualificar sua interlocutora, no caso a fonoaudióloga, rebatendo-a com um argumento refinado e bem-

¹ SL tem 60 anos, servidor público e poeta; sofreu um Acidente Vascular Cerebral que o deixou com uma afasia verbal, segundo Freud.

² Coudry (1986/88, p. 55) conceitua inicialmente a afasia como uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos (como a hemiplegia, as agnosias, as apraxias, a discalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e interpretação.

³ Ishara (2008), em seu estudo de doutorado, comenta que com essa fala SL reconhece e reclama seu lugar de sujeito da linguagem que não pode ser apagado com a lesão, bem como nos ensina o que é afasia e linguagem.

humorado; como ele recusa o lugar de quem não sabe nada, de quem não tem nada para dizer que ela lhe reserva. É contra essa posição que uma visão discursiva de afasia e de sujeito afásico se apresenta.

Revejo neste artigo um pouco do trajeto histórico da Neurolinguística Discursiva⁴ (abreviada como ND) quando realizava os primeiros passos para introduzir conceitos e práticas (clínicas) com a linguagem na afasia.

No volume 6, n. 1 da Revista Estudos Língua(gem), que se destina a divulgar estudos das afasias, dentre outros temas que margeiam a relação normal/patológico, no âmbito da Neurolinguística Discursiva, faço de meu texto um lugar para retomar conceitos e práticas que nasceram há um Jubileu de Prata: quando Possenti e eu, em 1983, escrevemos *Avaliar discursos patológicos*, em meio a nossos estudos de doutorado, para juntar discurso com atividade constitutiva, cérebro com linguagem/trabalho que se faz por um sujeito que aprende a falar com outros e fala com eles.

Os dados de linguagem produzidos em meio à visão discursiva dos sujeitos em acompanhamento dão visibilidade ao que se apresenta como *processos alternativos de significação*, uma formulação teórico-metodológica que tem se mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta, em várias de suas faces, modificada pela afasia. Se o sistema da língua conta com um conjunto amplo de formas a serem selecionadas e combinadas para produzir sentido, então, há processos de significação a explorar na interlocução com afásicos: esse é o desafio que se toma como ponto de partida para enfrentar as condições em que se estabelece a linguagem na afasia. Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros *modos/arranjos* para *significar/associar*, ou seja, produz *processos alternativos de significação*.

Escolher como subtítulo *Afasia como linguagem* para um texto que compõe com outras boas-companhias estudos em Neurolinguística é um bom motivo para repensar, por um lado, e dar continuidade, por outro, a

⁴ O projeto *Neurolinguística Discursiva: práticas com a linguagem e banco de dados*, tendo como pesquisadora responsável a autora deste texto, foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP sob o número 326/2008.

estudos em torno da rede complexa de relações entre conceitos e práticas discursivas (MAINGUENEAU, 1989) que constituem uma parte essencial do objeto da ND: retornar e avançar.

Desde os primeiros estudos discursivos da afasia produzidos em nossa universidade (1983; 1986), foi projetada a formulação *processos/recursos alternativos de significação* que o afásico utiliza para atuar como falante por meio da linguagem, do corpo/gestos e da percepção. Tais processos têm lugar na interlocução que se estabelece entre afásico e não afásico cujo sentido não está pré-determinado, mas se faz em meio a uma série de fatores ântropoculturais que qualificam a interação em foco. Para compreendê-los é necessário explicitar que a concepção de linguagem, de sujeito e de cérebro que orienta estudos nessa direção é historicamente constituída (FRANCHI, 1977/1992), posição assumida pela ND que por sua vez é concebida à luz de diversos domínios de estudo da Linguística, em especial, neste texto, pela reflexão de Jakobson (1959/1975) sobre os aspectos linguísticos da tradução e as possibilidades de interpretar um signo verbal.

Processos alternativos de significação

Propor o conceito de processos alternativos de significação para o estudo discursivo das afasias (COUDRY; POSSENTI, 1983; COUDRY, 1986,1988) significa supor que é sempre possível dizer de outra maneira o que (não) se disse. Ou seja, a linguagem se apresenta sempre incompleta em relação ao dito intencionado (FREUD, 1901/1969) que se põe em palavras (envolvendo o corpo, gestos, percepções, associações, expressões faciais) no que é dito por um e compreendido pelo outro. Na interlocução, enfrentam-se as mais variadas condições em que se dá o dizer/fazer/mostrar.

O sujeito, como argumenta Franchi (1977/1992), trabalha linguisticamente para produzir significações; e sujeitos afásicos também fazem isso. Conceber a linguagem apartada de seu funcionamento e do sujeito que a enuncia é a via preferencial de estudos tradicionais, que diferem radicalmente dos assumidos pela ND; nesse contexto é possível uma nova leitura dos fenômenos patológicos de linguagem, buscando-se entender, por um lado, as dificuldades que o afásico manifesta no uso da

língua(gem) e, por outro, os processos alternativos de significação que o afásico pratica como solução para enfrentá-las (COUDRY, 1986,1988).

Sendo os sujeitos diferentes entre si a linguagem na afasia também será submetida a essa diferença, por isso que alguns afásicos falam mais outros menos, e assim exercem o papel de sujeito da linguagem.

No dado inicial deste texto, **SL** é o sujeito que diz *só se for em alemão* em resposta a uma visão destituída de (inter)subjetividade e de pessoalidade (BENVENISTE, 1966; OSAKABE, 1979) cuja proposta é dirigida a não importa quem; todos os afásicos são reduzidos a um só modelo de paciente.

Muitos dos processos de significação que se apresentam como solução para o afásico expressar seu dizer envolvem sistemas não verbais (gestos/corpo; objetos; relações entre objetos; práticas sociais) que se articulam com processos de significação verbais no funcionamento discursivo da linguagem e, assim, são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua e a seu uso social e partilhado. Uns são previstos pelo próprio sistema da língua em funcionamento; outros se apresentam como *não oficiais*, intermediários/gato⁵ (ver também ABAURRE; COUDRY, neste volume); e muitos podem manifestar e repetir conteúdos psíquicos como ocorre também com não afásicos; outros, como se disse, ainda são possíveis pela relação da linguagem com a semiose não verbal e se referem à possibilidade de verbalizar gestos, crenças, objetos, ações, atitudes, raciocínio matemático, o que corresponde à tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1959/1975), quando se interpretam códigos não verbais por meio de palavras. Isso também ocorre com a linguagem na afasia, ambiente fértil para processos alternativos de significação porque outros sistemas simbólicos – que funcionam como a linguagem – continuam atuando. Estudiosos clássicos da afasia logo perceberam isso.

O neurologista inglês Huglings Jackson, a partir de 1874, publica

⁵ Por analogia, chamo de *gato* uma ligação não oficial que funciona como uma ponte entre um caminho impedido e outros que se abrem como novas possibilidades. O *gato* se apresenta como solução para uma dificuldade, sendo da ordem do desconhecido os elementos que irão compor um novo arranjo, ou um rearranjo, para significar com outros recursos que não os oficiais, mas possíveis de serem compreendidos pelo interlocutor. Ressalta-se a não previsibilidade de como o *gato* é produzido e de que elementos participarão desse *trabalho linguístico-cognitivo*.

várias obras que investigam e formulam a dualidade do cérebro, sendo seu sistema nervoso interpretado como um órgão de movimentos desde os mais periféricos/automáticos, como os movimentos envolvidos na respiração, aos superiores/voluntários, envolvidos na linguagem e na conduta humana culturalmente orientada. O autor caracteriza o estado afásico como uma impossibilidade de expressar uma atitude proposicional (vontade/ação); uma disposição para falar (COUDRY, 2002). No entanto, na fala espontânea e natural, falando com o outro, o paciente de Jackson pode dizer uma palavra que não disse sob vontade explícita. Ou seja, não consegue *repetir* o que disse seu interlocutor. A idéia de Jackson de hierarquia das funções superiores orienta os diversos papéis atribuídos ao cérebro desde movimentos automáticos, irrefletidos até os mais complexos, voluntários que podem revelar a atitude proposicional do sujeito em relação à linguagem, o que teve impacto no estudo crítico de Freud⁶ (1891/1973) sobre as afasias e nos estudos realizados por Jakobson (1955/1970; 1956/1975) – que caracteriza a afasia como um *problema de linguagem que pode levar a uma redistribuição das funções linguísticas* e como um funcionamento de linguagem de tendência unipolar: ou mais voltado para combinações sintagmáticas ou mais voltado para seleções paradigmáticas.

Para Freud, falar pressupõe estar na relação com o outro, o que se faz pela via do sentido, associando a imagem sonora da palavra ouvida com a impressão cinestésica/inervação do aparelho motor da fala com o objetivo de aproximar o som produzido do som ouvido. Aprender a falar é aprender a repetir, o que envolve tanto a face acústica quanto motora da palavra; sendo por esse duplo retorno que se pode corrigir o que se fala. É pela via do sentido, pela repetição/recordação do motor e do acústico da unidade funcional da palavra e possíveis combinações que o sujeito (ouvinte) entra na língua, onde funcionam e se articulam suas dimensões: fonológica, sintática, semântica, pragmática. Como desdobramento disso, tem-se que o já dito pelo outro se torna o já ouvido pela criança e, nesse processo,

⁶ Freud, nesse estudo, revisa a neurologia de seu tempo e propõe uma concepção de aparelho de linguagem de natureza associativa invertendo a ordem vigente da teoria localizacionista, sendo para ele a boa direção a do funcional para o anatómico.

dão-se novas cadeias associativas que colocam em relação o velho e o novo da língua. Em outras palavras, geralmente o velho da língua corresponde ao conhecido, automatizado, irrefletido; o novo, diferentemente, aparece, muitas vezes, como indeterminado, desconhecido e também refletido. Na literatura sobre afasia no século XIX, sobretudo, com Jackson, e, no século XX, com Goldstein e Luria podem-se identificar essas co-relações automático e voluntário/velho e novo. O reconhecimento do que é velho e novo se dá no tempo possibilitado pela linguagem, falada e lembrada (memória). É justamente na *mobilidade da barra* que separa o velho do novo que incide a afasia.

O que para o não afásico está mais delimitado como da ordem do velho e do novo, ainda que vulnerável a atos falhos, ao não controle do que pode/deve ser dito, para o afásico o intervalo entre o velho e o novo se desfaz porque a afasia produz uma modificação funcional no cérebro e na linguagem fazendo com que a barra divisória perca muito de sua função diferenciadora. Assim, o velho se apresenta como novo na afasia. A afasia interrompe/modifica essa dinâmica entre o automático e voluntário/velho e novo; e se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico as palavras não estão mais tão à disposição havendo uma interrupção no fluxo do discurso que afeta as condições em que se organiza a língua: o sistema sonoro, fono-articulatório, o fundo lexical comum, os arranjos sintáticos, as leis pragmáticas. Por outro lado, o afásico, em um ambiente discursivo, produz rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, um *gato* que recupera o velho; não em sua forma original, mas produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais. O mesmo acontece no nível da unidade funcional da palavra quando se tem preservada a imagem sonora da palavra conhecida, já dita, ou seja, o velho da língua que se apresenta sem a sua correspondência motora. Nesse caso, o afásico sabe o que quer dizer e os gestos articulatórios do velho da língua lhe fazem falta, o que pode redundar em novos arranjos que se configuram como parafasias. Para

Freud, estas são possíveis devido a um modelo de linguagem e de cérebro que tem campos corticais de atuação contínua para a linguagem, sendo que o processo fisiológico e o psíquico funcionam em concomitância e dependência, não sendo necessário um deixar de funcionar para que o outro tenha início. Toda experiência do sujeito deixa marcas na relação do fisiológico com o psíquico que constitui o substrato neural⁷. Tais marcas se configuram como registros de um processo que tem início com a percepção e não se pode desvincular *percepção* de *associação*: “(...) são dois termos com os quais descrevemos diferentes aspectos de um mesmo processo” (FREUD, 1891/1973, p. 71). Nos dados apresentados neste texto, como se verá, se a percepção está afetada, há efeitos na associação e uma associação pode dizer muito da percepção em causa. Assim, durante a vida, novos registros são feitos, outros são modificados e todos passam pela relação entre percepção e associação, o que pode ser revivido/recordado, por modificações realizadas pela inevitável condição humana de associar⁸ e superassociar sempre. A mobilidade acima referida é que possibilita a circulação da linguagem e do sujeito em trajetos velhos e novos associados e superassociados, condição que se modifica com a afasia.

Como já dito, o aparelho de linguagem (FREUD, 1891/1973) é um aparelho equipado para *associações*, que vão além do território da linguagem, como também será possível observar nos processos alternativos de significação produzidos por afásicos que transitam de um sistema semiótico para outro. Nesse aparelho, a palavra adquire significado por meio de sua associação com a representação de objeto que por sua vez é também um

⁷ Em carta a Fliess, Freud, com base no estudo da afasia, refere-se ao aparelho psíquico como um aparelho de memória sujeito a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição, um rearranjo funcional que tem efeitos sobre o estrutural/anatômico. O autor descreve a afasia como um tipo parecido de rearranjo que supõe que os diferentes registros também estejam separados (não necessariamente segundo aspecto topográfico) de acordo com os neurônios que são seus veículos.

⁸ Para Freud, em relação aos substantivos, a associação se refere aos primeiros significados e conceitos que uma palavra carrega; já a superassociação se dá entre significados que se sobrepõem aos primeiros. Tendo sido influenciado pela teoria da dissolução de Jackson, Freud assume que as superassociações são prioritariamente afetadas, no caso, por exemplo, de processos normais ou patológicos que incidem sobre esquecimentos, acesso, aprendizados recentes, aprendizado de segunda língua.

outro complexo de associações integrado pelas mais diversas impressões visuais, auditivas, táteis, cinestésicas. Decorre disso a interpretação de Freud das afasias como interrupções de associações/percepções, de várias ordens, que tocam a palavra, tal como a concebe: um processo complexo de associações de que participam vários analisadores cognitivos (visual, acústico, cinestésico, tátil). A hipótese de Freud é de que a *representação de palavra* (sua realidade acústica) está relacionada à *representação de objeto*, condição afetada em três ordens na afasia:

1ª ordem: em que estão interrompidas/modificadas as associações entre os vários elementos (campos corticais receptivos e motores) de representação de palavra, o que corresponde à chamada afasia motora típica, que pode vir acompanhada de agrafia e alexia para letras, ou seja, *afasia verbal*;

2ª ordem: afeta as diversas possibilidades de associação entre a representação de palavra e a representação de objeto, ou seja, *afasia assimbólica*;

3ª ordem: afeta o reconhecimento visual e a associação entre a representação de objeto e o conceito, ou seja, *afasia agnósica (afasia ótica)*.

Para finalizar esse item, destaca-se que há ecos do pensamento de Jackson em vários autores: Freud postula que a condição da afasia incide no dito intencionado (1901/1969), Goldstein no dito voluntário (1948), Luria no consciente (1977), Jakobson no reflexivo e metalinguístico (1955/1975; 1956/1975) e outros meios (lexicais, gramaticais, acústicos, rítmicos, corporais, gestuais, indiciais) se apresentam como processos alternativos de significação (COUDRY, 1986,1988) para restabelecer os dois modos de arranjo da cadeia verbal, o sintagmático e o paradigmático (JAKOBSON, 1955/1970), um deles preferencialmente afetado em estados de afasia, como também é preferencial o estilo/subjetividade⁹, mais à moda de um como de outro, quando não se é afásico.

Mesmo o afásico que não consegue ter atitude voluntária

⁹ No sentido que lhe dá Possenti (1986, 1988): estilo se articula com escolhas que são da ordem de um sujeito histórico, “nem senhor, nem escravo, mas um trabalhador, com e sobre a língua, e frente ao funcionamento discursivo por onde são indicados por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis” (p. 50).

(JACKSON, 1874) para dizer algo com palavras, pode dizê-lo recorrendo a outros sistemas simbólicos (gestos, percepção) que envolvem o corpo. Nesse trajeto indireto, às vezes tortuoso e demorado, outros rápidos e fugazes, vislumbram-se sujeito e linguagem. Assim é que ser afásico significa não só não dizer uma palavra como também dizer outra em seu lugar (JAKOBSON, 1956/1975). Mesmo **SL** que não teve problemas para responder prontamente a sua fonoaudióloga, manifesta sua afasia em outros momentos, como veremos mais adiante em vários dados.

É no texto que Jakobson (1959/1975) dedica à tradução que encontro argumentos para refletir sobre esses processos, quando discorre sobre as três maneiras de interpretar um signo verbal que “pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outros sistemas de signos não-verbais” (p. 64). Tomo a tradução de signos verbais no interior do próprio sistema da língua e a tradução de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais para (re)pensar o que se tem formulado como processos alternativos de significação pela Neurolinguística de tradição discursiva, a ND.

Neurolinguística Discursiva¹⁰: teorias e práticas

A Neurolinguística Discursiva é constituída por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam. São especialmente tomados a hipótese da historicidade e indeterminação da linguagem e os conceitos de trabalho e força criadora, formulados por Franchi (1977/1992). Benveniste (1970) e Jakobson (1955/1970; 1956/1975) são autores-âncora na questão da (inter) subjetividade, dos níveis de funcionamento da linguagem, e da condição unipolar da linguagem na afasia. Luria (1981) e Freud (1891/1973) são tomados pela concepção de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente (COUDRY, 2002) em que a linguagem está representada em todo o cérebro – e ambos trabalham/associam – e não localizada em suas partes/centros.

Os estudos neurolinguísticos que seguem a tradição discursiva desenvolvem uma forma de avaliação linguístico-cognitiva assentada em

¹⁰ Está no prelo o livro *Neurolinguística Discursiva: práticas com a linguagem* que reúne um conjunto de temas que compõem estudos na área: autismo, afasia, demência, leitura e escrita, entre outros.

práticas discursivas (MAINGUENEAU, 1989) que fazem sentido para pessoas inseridas na sociedade em que vivemos, representada, de alguma forma, nas sessões coletivas e individuais, mediante, sobretudo, o uso social da fala, escrita, leitura. Isso acontece em diálogos sobre a agenda de cada um, o noticiário falado e escrito; bem como o uso social do corpo, na dramatização de cenas da vida, na culinária conjunta, em jogos interativos, entre outras atividades.

A metodologia utilizada vale-se do conceito de dado-achado, formulado por Coudry (1991/1996), que dá visibilidade à relação recíproca entre teoria e dado, e justifica a pesquisa que concebe sua própria dinâmica mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito, ambos imersos em práticas significativas/discursivas ancoradas em coordenadas ântropoculturais que determinam o que pode ser dito/feito/mostrado e o que não se pode dizer/fazer/mostrar (FOUCAULT, 1969).

Muito do desenvolvimento da ND se vincula a um projeto que tem reunido a produção de um grupo de pesquisa em Neurolinguística, o *Projeto Integrado em Neurolinguística: avaliação e banco de dados*¹¹. Esse projeto abriga um estudo teórico-metodológico da linguagem em estados patológicos de adultos (afasias, síndrome frontal) e de crianças (dificuldades de leitura/escrita que aparecem sob vários nomes: distúrbio de aprendizagem, transtorno do déficit de atenção com e sem hiperatividade, dislexia, transtorno desafiador opositor) baseado em uma visão sócio-histórica que aponta a linguagem como lugar da interação humana, trabalho e atividade constitutivos da subjetividade, alteridade e de si própria como objeto de reflexão. Do ponto de vista teórico, é nessa perspectiva que o funcionamento da linguagem, nessas patologias, é estudado.

Do ponto de vista metodológico, é em meio a práticas significativas *com e sobre* a língua, a linguagem e outros sistemas de base semiótica que se desenvolve a dinâmica do Centro de Convivência de Afásicos (CCA - Grupo II - adultos) bem como do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho - crianças), fontes de dados do Projeto. Ao longo de sua história, esse Projeto contou com pesquisas em diversos níveis de formação (Iniciação Científica,

¹¹ CNPq – processo 521773/5-4, ativo desde agosto de 1992, renovado em 2007 - processo 301726/2006-0. É no interior desse projeto, nos últimos 15 anos, que foram produzidas dissertações, teses e textos representativos da ND, sobretudo do ponto de vista de princípios protocolares assentados em práticas discursivas, do tratamento e análise de dados que recriam a cena enunciativa em que foram produzidos e da reflexão sobre a prática clínica ancorada na interlocução.

Monografia de conclusão de curso, Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado, Livre-docência) que contribuíram para o refinamento teórico-metodológico da área de Neurolinguística desenvolvida no IEL, e sofisticaram o registro de dados que integram o Banco de Dados em Neurolinguística (BDN¹²).

A Neurolinguística – área de conhecimento que integra o Programa de Pós-Graduação em Linguística desde 1987 e de Graduação dos Cursos do IEL desde 1982 – abriga um conjunto de pesquisas em linguagem (fala, escrita e leitura) e em suas patologias, que envolvem, por um lado, sujeitos adultos cérebro-lesados (por AVC, TCE e processos expansivos) que têm a linguagem e outros processos cognitivos/psíquicos modificados funcionalmente, como ocorre na afasia, na Demência de Alzheimer, na Síndrome Frontal; e, por outro lado, crianças e jovens a quem foi atribuído um diagnóstico que aparece sob vários nomes de patologias, como já mencionado.

Tanto os encontros do CCA quanto os do CCazinho são realizados no espaço do Laboratório de Neurolinguística do IEL fundado, em 1994, para abrigar, à época, os estudos neurolinguísticos realizados à luz de uma concepção sócio-histórica e discursiva de linguagem que ilumina as práticas com a linguagem que aí se exercem.

Tanto o CCA quanto o CCazinho são lugares de convivência entre adultos afásicos, ou crianças com dificuldades de leitura/escrita, e docentes, alunos de graduação, pós-graduação, que participam de um ambiente de

¹² O BDN, elaborado no interior do Projeto Integrado em Neurolinguística, desenvolveu uma forma de registro que dá visibilidade ao dado conforme foi produzido; um arquivo *in vivo* do conjunto de dados produzidos em sessões individuais (anotadas em diário de pesquisa) e/ou coletivas (gravados em áudio e/ou vídeo) de acompanhamento longitudinal dos sujeitos (adultos e crianças/jovens). O BDN vem sendo elaborado a partir da transcrição de dados do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP), sendo que desde 2002 concentra-se no Grupo II, de responsabilidade de Maria Irma Hadler Coudry. O BDN, a partir de 2004, passa a incluir dados das sessões do Centro de Convivência de Linguagens (CCAzinho). O objetivo do BDN é dar visibilidade às condições de produção dos dados. Por isso é formado por: um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada nesses grupos e certas especificidades da linguagem patológica. O BDN se organiza mediante um sistema aberto de busca, baseado em categorias descritivas, que atuam na seleção de dados e na abertura de diversas frentes de pesquisa (estudos de patologias que incidem sobre aspectos fonológicos, sintáticos, lexicais e semânticos, pragmáticos e discursivos). O sistema de codificação do BDN se ajusta à natureza dos dados, verbais e não-verbais. No BDN podem ser incluídas tanto outras categorias descritivas, ou de análise, como outras colunas, demandadas por novas frentes de pesquisa. Por isso é necessário que o sistema/código de busca do BDN seja aberto, sensível a inserções teórico-metodológicas relevantes para o desenvolvimento das pesquisas Neurolinguísticas que investigam as relações da linguagem com o cérebro/mente (especialmente corpo/praxia, percepção, memória).

linguagem em que como interlocutores¹³ constroem e partilham de vários interesses, papéis e conhecimentos que os identificam como falantes de uma língua natural e como participantes desses grupos. As sessões coletivas ocorrem uma vez por semana durante duas horas.

O CCA, criado em 1989, é fruto de um convênio interdisciplinar entre o Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem com o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil). É um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não-afásicas (pesquisadores terapeutas e familiares/amigos) que participam de um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos entre interlocutores afásicos e não afásicos, mediados por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade (COUDRY, 2001; MORATO et al., 2002). A dinâmica da sessão coletiva é variada, mas sempre estão presentes nessa *comunidade de fala* (SAMPAIO, 2006) as anotações em agenda que os participantes partilham entre si, os acontecimentos que são notícias, sejam os da vida pública, sejam alguns selecionados da vida privada.

Seguindo os mesmos princípios ântropo-culturais de funcionamento da linguagem que orientam o CCA, o CCazinho é um grupo destinado ao acompanhamento de crianças e jovens a quem foi atribuído um diagnóstico que interfere negativamente em seu processo de aquisição da leitura/escrita. De fato, trata-se de crianças com dificuldades de leitura/escrita que são enfrentadas nas mais diversas atividades de linguagem vivenciadas em grupo. É um lugar de pesquisa, formação¹⁴ e cuidado a essa população, bem

¹³ Familiares/acompanhantes participam de outras formas do ambiente de convivência e de suas pesquisas; no texto de BORDIN, intitulado “Excesso de diagnóstico na leitura e escrita: vivências com a linguagem no CCazinho”, especialmente preparado para compor este volume, estão descritos em detalhes a dinâmica do CCazinho e o trabalho realizado com a família.

¹⁴ No intuito de investir, institucionalmente, na formação de alunos para acompanharem as crianças e jovens do CCazinho é que inseri, em 2006, a disciplina AM - 035 no catálogo de disciplinas de graduação da UNICAMP. A idéia é preparar alunos de graduação de quaisquer cursos da universidade para compreenderem as dificuldades que crianças e jovens apresentam na aquisição e uso formal da escrita. No andamento da disciplina, são discutidos aspectos teórico-metodológicos que produzam uma intervenção técnica que auxilie essa população no enfrentamento de suas dificuldades, objetivando a autonomia escolar, o exercício da cidadania

como de atenção a suas famílias; um lugar de práticas com a linguagem onde pesquisadores (alunos de todos os níveis) e sujeitos lêem, escrevem, soletram, jogam, brincam, dramatizam, cantam, ouvem/contam histórias, lancham, pintam, dançam. É assim as crianças aprendem a ler e a escrever.

Do CCA, desde 2005, participam alunos do 4º ano de Fonoaudiologia¹⁵ da UNICAMP e do CCazinho participam alunos que cursam a disciplina *AM 035 - Leitura e escrita: acompanhamento de crianças e jovens*, além de alunos de pós-graduação que fazem do CCazinho seu tema de pesquisa. Familiares dos afásicos, das crianças e jovens se reúnem à sombra do *flamboyant* em frente ao LABONE onde também acontecem *encontros*.

Os dados produzidos nas sessões coletivas (CCA e CCazinho) e em sessões individuais são inseridos no BDN. A avaliação e o seguimento individual de sujeitos afásicos e crianças com dificuldades de leitura/escrita é feita sob a orientação da autora deste texto com a participação de alunos em diferentes níveis de formação, vinculados à área de Neurolinguística do IEL.

Apresentam-se, a seguir, uma sequência de dados produzidos no CCA, em sessões individuais e no CCazinho, selecionada a partir do conceito de *dado-achado*, conforme Coudry (1991/1996), produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos. Tal formulação tanto expõe os fatos linguísticos quanto os torna objeto de reflexão, e, portanto, *dados*, e tem sido integrada às pesquisas desenvolvidas na área, assim como a outros estudos que compartilham de pressupostos teóricos comuns, quais sejam, a relação constitutiva entre sujeito e linguagem e a linguagem como um processo sócio-histórico (cf. ABAURRE; COUDRY, neste volume). O dado-achado funciona como uma espécie de pista privilegiada para o investigador descobrir caminhos trilhados pelo e a superação de preconceitos sociais e linguísticos. Os alunos exercem, orientados por mim e pela doutoranda Sonia Maria Sellin Bordin, o papel de cuidador de uma criança do CCazinho.

¹⁵ Sou responsável por uma turma de 10 alunos do 4º ano do curso de Fonoaudiologia da UNICAMP que cursa a disciplina FN 711 – Estágio em Avaliação e Terapia Fonoaudiológica I (de 4 horas semanais, oferecida todo 1º semestre) e FN 811 – Estágio em Avaliação e Terapia Fonoaudiológica II (de 4 horas semanais, oferecida todo 2º semestre). As alunas participam da sessão coletiva do CCA e cada uma individualmente, ou em duplas, acompanha um afásico do CCA. Tanto a sessão coletiva e seu preparo, quanto o acompanhamento individual e o estudo das afasias, são discutidos em sessão de orientação com as alunas.

sujeito que fazem compreender suas dificuldades e as saídas encontradas. Esse modo de olhar que decifra é compatível com o dado singular proposto pelo modelo epistemológico de Ginzburg (1986).

Sujeitos e dados: afasia como tradução ¹⁶

Os *dados* que seguem se tornam *achados* pelo olhar teórico que a eles é lançado ao mesmo tempo em que se descortina um *achado* para lidar com as dificuldades postas pela afasia. O movimento da teoria para o dado e do achado para a teoria tem sido essencial para a ND tratar a relação sujeito/linguagem. Nesse trânsito, descobrem-se modos de operar com os rearranjos possíveis que se apresentam como solução para dificuldades.

SL, o afásico que disse *só se for em alemão*, apresenta um estado de afasia que incide no eixo paradigmático, responsável pela seleção de palavras que se combinam no eixo sintagmático para formar enunciados, o que o submete à ordem sintagmática da língua que, por sua vez, funciona como um processo alternativo de significação frente à seleção pretendida. **SL** sabe o que quer dizer, mas a palavra lhe escapa; ao mesmo tempo em que não dispõe dela, dispõe da ordem sintagmática como suporte para a vizinhança semântica de que precisa para que seu dizer seja interpretado pelos outros. É na ordem sintagmática que **SL** encontra soluções para o que quer dizer submetido a um estado de afasia que incide sobre escolhas lexicais. Em momentos em que a palavra não pode ser dita, as tentativas de dizê-la culminam em parafasias que deformam a palavra pretendida.

É o que se vê no Dado 1, produzido no CCA:

DADO 1: O tema dessa parte da sessão é futebol. **RL**¹⁷ fala sobre as últimas notícias e comenta que a Ponte Preta está liderando o campeonato. Imc brinca dizendo que está feliz e que só não veio de preto e branco (as cores da Ponte Preta) para não humilhar os outros e pergunta:

¹⁶ Parte desta reflexão foi apresentada na palestra Processos de significação no estudo discursivo da afasia, apresentada no II Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa - ISAAC Brasil, maio de 2007, UNICAMP, publicada em CD-ROM (COUDRY, 2007).

¹⁷ RL tem 28 anos, técnico em Química, sofreu um traumatismo crânio-encefálico cuja seqüela principal é uma alteração do ritmo da fala que se caracteriza como uma gagueira neurológica.

Sigla do Locutor	Transcrição
Imc	Ninguém é ponte pretano aqui, né?
SL	Nem que, nem que a // ca qui a ca nem qui a ca // aquele negócio que faz leite lá...
Todos	Vaca
Ial	Vaca tussa
Todos	Nem que a vaca tussa!

Quadro 1: CCA: Grupo II, 04/05/2004 – NEM QUE A VACA TUSSA
Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística¹⁸ (BDN): CNPq: 521773/95-4

É interessante notar que parte da palavra *vaca* (*ca ca* qui a *ca* nem qui a *ca*) é dita e retorna sem que, no entanto, a palavra se complete; há uma espécie de desintegração da palavra velha da língua em que aparecem vestígios da lembrança, não suficientes para levar a cabo a associação para dizer *vaca*. É como se o segmento *ca* não integrasse a palavra *vaca*, tendo a falta da palavra *vaca*, na ponta da língua (FREUD, 1901/1969), evocado, por metonímia, uma função (que faz leite) que a identifica imediatamente. O nome pretendido é dito por meio de uma expressão referencial indefinida (aquele negócio) combinada com uma relativa que diz a função do nome ausente (que faz leite). **SL** usa a associação *fazer leite* como processo alternativo, ou *gato*, para associar e *dizer* a palavra *vaca* – que se apresenta como nova para **SL**.

Diferentemente dos processos alternativos de **SL**, no Dado 2, que segue, **CF** para contar a notícia de um homem que matava crianças diz dois nomes em sequência - *menino, homem* - em que falta o nexos sintático por combinação de outras palavras contíguas, sendo a ordem em que os dispõe outro complicador para a interpretação. Vejamos o dado:

DADO 2: A investigadora (Imc) pergunta se alguém trouxe notícias para compartilhar com o grupo e **CF**¹⁹ começa a falar:

¹⁸ Conforme notação do BDN, as siglas com duas letras maiúsculas são destinadas aos sujeitos afásicos e as compostas da letra I mais duas letras minúsculas aos investigadores.

¹⁹ CF tem 48 anos, é Terapeuta Ocupacional, sofreu um Acidente Vascular Cerebral e apresenta uma afasia verbal, segundo Freud.

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
CF	É menino, homem		
Imc	O que aconteceu?		
CF	o//eu	Repetindo segmentos da fala de Imc	
Imc	Assalto?		
CF	Não		Sinaliza que não com a cabeça
CF	É meni//		
Imc	É uma notícia que saiu no jornal?		
CF	É.		
Imc	Alguém acompanhou isso, pessoal?	Dirigindo-se ao grupo todo	
Imc	Bom, ela fez “menino” e “homem”		
CF	É menino, homem	Falando junto com Imc	
Imc	É o que a gente tem. Alguém viu alguma coisa?		
SL	Eu não sei o que ela...		Faz gestos apontando a boca
Imc	É, mas é assim mesmo que a gente faz, a gente pergunta, a gente tem boa vontade	Explicando a SL que é preciso tentar entender o que CF quer dizer	
SL	Polícia?	Perguntando se está relacionado com a polícia	
CF	É	Tom: confirmação	
Imc	É um caso de polícia...	Tom: reflexão	
SL	Campinas?		
CF	Não		
SL	São Paulo		
CF	É RECORTE	Tom: afirmativo	
Ief	Voltando então é um caso de polícia que envolve um homem e um menino		
CF	É	Tom: confirmação	
Imc	Criança pequena?		
CF	É		
SL	É droga?		
CF	Não		
Imc	Assassinato?		
Icb	Ah tinha um homem que matava crianças pequenas...		
CF	É, é, é esse, é pum, pum, pum	Fazendo o barulho de tiro	Fazendo gesto de atirar

Quadro 2: CCA: Grupo II, 04/05/2004 - MENINO/HOMEM

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística (BDN): CNPq: 521773/95-4

Como afásica, **CF** manifesta uma atitude proposicional marcada fortemente pela produção contínua de uma estereotipia na fala espontânea. O dado mostra que quando **CF** se engaja em diálogo coletivo avança em relação a ocupar o lugar da estereotipia com palavras (*menino, homem*) cujo arranjo sintático, no entanto, não é suficiente para seus interlocutores entenderem a notícia. Há uma interrupção no processo associativo, mas o grupo se empenha em saber o que ela tem para dizer. Quando finalmente Icb retoma o enunciado que deveria ser dito por **CF**, esta recupera a parte que faltava dizer através da *tradução* da palavra matar pelo som do objeto que mata. Essa tradução é possível porque na fala de Icb, **CF** reconhece tanto a ordem sintática de que precisava quanto a imagem acústica *matava*.

A afasia nos remete para além da língua quando se trata da tradução do dizer por meio de outros sistemas semióticos, ou seja, de signos não verbais – que podem ser verbalizados, como no Dado 2 acima. Vejamos isso em quatro relatos de dados que mostram a possibilidade da tradução inter-semiótica em estados de afasia; mostram como processos alternativos de significação a tradução do gesto para a palavra, do desenho para a palavra e do objeto para a palavra, conjugados a segmentos das palavras pretendidas. Um último relato mostra a circulação entre diferentes sistemas semióticos.

DADO 3: Do gesto para a palavra

Na primeira sessão com **MZ**²⁰, em julho de 2003, enquanto tomávamos café e em meio à discussão sobre nomes que lhe *escapam*, pedi-lhe para dizer o nome das frutas dispostas em uma fruteira à nossa frente: **MZ** disse *maçã, laranja, mexerica, banana* e parou frente ao mamão; apenas levantei a mão esquerda e ele prontamente disse: *mamão*. O que ele faz? **MZ** transita da imagem sonora do meu gesto – uma mão – para a palavra desejada – *mamão*. É a escuta da palavra no gesto, fundamental para desencadear um rearranjo funcional para dizer *mamão*, o que restaura as

²⁰ MZ tem 58 anos é professor universitário e sofreu um Acidente Cerebral, sendo portador de uma afasia assimbólica, segundo os tipos de afasia propostos por Freud, tendo superado esse quadro.

condições postas pela afasia porque põe em funcionamento a relação entre linguagem, corpo e percepção.

Nesse dado, impressões sonoras não se conectaram com as impressões visuais do objeto, o que inibe o ato motor para a fala; o gesto da mão do interlocutor desencadeou em **MZ** uma associação com a imagem sonora que, desta vez, produziu a ação motora para falar a palavra *mamãe*. O *gato* ocorre por rearranjo funcional no aparelho de linguagem/aparelho de associação; no caso, a imagem do gesto da interlocutora desencadeou uma entrada sonora/acústica que ajudou **MZ** chegar à palavra pretendida; diferentemente, a imagem visual do objeto é a entrada principal da palavra na fala espontânea. Este dado mostra o movimento de **MZ** para sair do estado afásico – //eu queria te dizer// – e não prosseguir dizendo – para uma possibilidade de retomada da fala e da escuta da própria fala.

DADO 4: Do desenho para a palavra

Na primeira sessão de agosto de 2002, logo depois da Copa do Mundo, o tema é a atuação do Brasil e a má condução da equipe pelo técnico da seleção. O grupo falava de Parreira quando **CR**²¹ pediu com um gesto de mão que se esperasse um pouco; ele abaixou a cabeça e ficou pensativo por uns instantes. Integramos a longa pausa de **CR** no grupo: todos em silêncio e à espera. Uma das investigadoras lhe ofereceu um papel e **CR** prontamente pegou a prancheta e fez um desenho que representava algo *enrolado*. Foi aí que um de nós comentou: você quer dizer que o Parreira só enrolou? E **CR** disse sim através de *opa* – verbalização que comumente usa para expressar concordância – e de um olhar contente de quem manifestou sua opinião na discussão acalorada. **CR** pôde significar, por meio do desenho, o que pôde ser verbalizado por seus interlocutores. É o desenho se apresentando como um processo alternativo para *dizer* o que se pretende.

DADO 5: Do objeto para a palavra

SL, na sessão de 10 de novembro de 2003, queria contar a seu interlocutor que tinha visto o eclipse da noite anterior. Tentou seguidas

²¹ CR tem 57 anos, é pedreiro, sofreu um Acidente Vascular Cerebral sendo portador de um quadro afásico que corresponde à afasia motora aferente e também eferente, segundo Lúria.

vezes dizer a palavra eclipse, mas várias parafasias ocorriam em seu lugar e seu interlocutor não compreendia. Mas **SL** não desiste. Em uma folha de papel escreve a letra *E*, tira um clipe da agenda de seu interlocutor e junta os dois para *dizer eclipse*. **SL** selecionou um segmento da palavra eclipse (*E*) e o combinou com um objeto (clipe, que se diz *clips*), dispondo os dois no papel (*E*+objeto), produzindo uma ligação não oficial, um *gato* entre a representação de palavra e a representação de objeto (FREUD, 1891/1973). Assim é que se articulam linguagem (escrita e fala) e percepção (auditiva e visual) em uma espécie de síntese paradigmática e sintagmática, que funciona como um processo alternativo de significação. De novo, **SL** *trabalha* para dizer a palavra desejada recorrendo ao desdobramento da palavra em uma contiguidade de elementos que se sucedem, dessa vez, verbais e não verbais.

DADO 6: Circulação entre sistemas verbais e não verbais

Em 30 de junho de 2002, no CCA, Imc e os afásicos falam sobre Elias, um folclórico habitante de Piracicaba, responsável pela confecção de bonecos que expõe às margens do Rio Piracicaba. O sujeito **SL** recorda-se de um local nas proximidades desse rio, onde costumava comer um tipo de peixe, pintado - e isso queria contar ao grupo. Fez nove tentativas de dizer a palavra *pintado*, sendo que em seu lugar se interpõe uma série de parafasias fonológicas que a deformam a ponto de seus interlocutores não compreenderem. O que faz **SL** no apuro em que está? Aponta o *quadro pintado* por **CF** que ela trouxe para mostrar ao grupo, ao que finalmente seu interlocutor diz: *nossa, você mostrou o quadro para falar de pintado de pintura?* Serve-se de um signo não verbal – *quadro* - que por contiguidade - *pintado* por CF - completa a palavra pretendida: *pintado* (peixe).

O que ocorreu nesse dado desde a atitude proposicional posta e a compreensão de que se tratava de um peixe chamado pintado mostra a circulação de sistemas verbais e não verbais, em estados de afasia, condição em que a *incompletude* se manifesta mais à revelia de quem *fala*. Mostra a língua funcionando como um sistema que se relaciona

com outros sistemas semióticos – relação que ajuda na produção de sentido por **SL**, bem como atrapalha na atribuição de sentido, por seus interlocutores. É interessante o trabalho linguístico-cognitivo/associação que **SL** faz para significar *pintado*: recorre ao quadro de CF para *mostrar* e *dizer* o que não conseguia por meio de recurso verbal. Assim é que a sequência *quadro pintado* se apresenta como um processo alternativo de significação para seu dizer ser traduzido. Na longa interlocução coletiva realizada nesse dado até que se chegue à palavra pretendida por **SL**, está presente a tradução intra e intersemiótica: da linguagem verbal para a não verbal; da representação de objeto para a representação de palavra (nos termos de FREUD, 1891/1973); do novo para o velho, onde se encontram percepção e associação que se articulam como linguagem. O trabalho para além da língua que **SL** produz, por sua vez, requer o exercício da função metalinguística, afetada em estados de afasia, que incide sobre a seleção de palavras (JAKOBSON, 1956/1975) no fluir do discurso, sendo sensível à interpretação de signos verbais por outros signos verbais e/ou não verbais, o que é restaurador da linguagem na afasia.

DADO 7: Apagar para escrever

A investigadora, no início da sessão de 08/04/2005, queria falar o nome da mãe de RS e não se lembrava.

Código de Busca	Nº.	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal
	1	Iff	Como se chama sua mãe mesmo?		
	2	Iff	Esqueci o nome dela		
\\	3	RS		Pausa longa	RS mostra irritação
	4	RS			Tira a caneta das mãos de Iff
\esc	5	RS		Escreve ROS	
	6	RS	Rosângela		
\\ \aí	7	Iff	Rosângela // Termina de escrever o nome dela, então	Pausa longa	

\esc	8	RS		Escreve: ROSANG LA	
\esc	9	RS		Ele lê o que escreveu e escreve a letra E no espaço que havia deixado em branco.	

Quadro 3: Trechos da sessão de 08/04/2005

Fonte: BDN - CNPq n° 521773/95-4

RS²² começa escrevendo uma parte do nome da mãe (ROS) o que o faz reconhecer o nome da mãe. Parece que nesse momento ocorre a leitura no sentido de que para se ler com compreensão uma palavra há que remetê-la ao velho da língua, ao já ouvido, segundo Freud (1891). No ato mesmo de chegar à leitura/fala da palavra inteira, a partir de uma parte inicial, está presente o que Freud descreve como encurtamento funcional, ou seja, um caminho neuronal tantas vezes percorrido desenvolve a propriedade de não ser necessário percorrê-lo todo, mas uma parte dele. E como **RS** finaliza a escrita da palavra? A falta do E repete o mesmo processo do encurtamento funcional registrando apenas a letra G que traz a coincidência entre a imagem motora e sonora do nome da letra (GE) e a imagem motora e sonora da fala da letra (GE). Na escrita do nome da mãe por inteiro (linha 8), **RS** teria que apagar a imagem sonora do nome da letra para escrever a letra E, o que só foi possível a partir de sua leitura (na linha 9). Esse dado mostra um cérebro por demais comprometido e um sujeito por demais envolvido (a ponto de mostrar sua irritação) na interação dialógica e na vontade de ultrapassar suas dificuldades, o que lhe dá condição para que mostre, ao mesmo tempo, que escreve, lê e fala.

Para fechar este item, são apresentados três dados-achados, produzidos em atividades coletivas no CCazinho, que mostram: crianças sem distúrbio/doença que as impeça de ler/escrever; crianças com

²² **RS** tem 21 anos, estudante, vítima de um traumatismo crânio-encefálico responsável por quatro estados de afasia, segundo Luria: afasia motora aferente, eferente, dinâmica e semântica; segundo os tipos de afasia de Freud, **RS** é portador das afasias verbal e assimbólica (Ver COUDRY, FREIRE; GOMES, 2006; GOMES, 2007).

dificuldades nos processos de leitura e escrita, enfrentando-as; crianças com atitudes e disposição para falar/escrever/ler.

O Dado 8 é produto da preparação conjunta da edição de um jornal desde a observação direta de diferentes jornais, especialmente as seções dedicadas às crianças, até a diagramação (a) e sua produção final (b). A confecção conjunta do jornal do CCazinho passou pela familiarização das crianças com os diferentes gêneros que compõem um jornal somada à experiência que cada criança traz com esse tipo de material escrito. A fase da diagramação serviu para organizar um conjunto de atividades diferentes que cada criança escolheu fazer: montar uma cruzadinha, escrever uma história em quadrinhos, escrever sobre esportes e a participação do Brasil no Pan, sobre dança, personagens infantis, entrevistas com pessoas sobre o Pan, sendo essas atividades acompanhadas pelos cuidadores. É acreditando que escrever se aprende escrevendo (cf. POSSENTI, 2005; COUDRY; FREIRE, 2005) que faz sentido escrever junto com a criança que ainda não tem autonomia de escrita. A atividade de entrevista, por exemplo, envolve a escrita em diversos aspectos: em sua relação com uma fala que pode ser escrita; com a percepção que a criança desenvolve de que é diferente o tempo da fala e o tempo da escrita (produção e registro permanente), além do compreender que não se escreve como se fala.

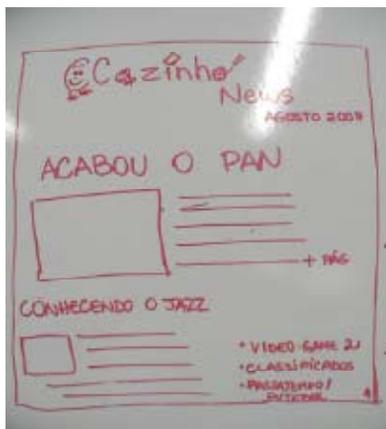
DADO 8: Produção de Jornal – agosto de 2007

- a) **Figura 1:** Diagramação
- b) **Figura 2:** Capa

Um último dado, produzido durante a discussão da proposta de reciclagem de lixo no CCazinho, mostra um escrito em que as crianças deixam marcas do que sabem e do que não sabem.

DADO 9: Reciclagem de lixo do CCazinho – outubro de 2007

A proposta de reciclagem de lixo do CCazinho nasceu da leitura de um livreto informativo sobre o tema depois do que as crianças falaram como lidam com o lixo na escola, em suas casas e como poderia ser no CCazinho. A oportunidade favoreceu que todos nós escrevêssemos regras para separar e reciclar nosso lixo. Como se vê no dado, as crianças têm instabilidades ortográficas que mostram que nem sempre registram



adequadamente a marca morfológica da palavra (própria); que sabem que



a palavra tem sílabas fortes e fracas e que não sabem se isso é sempre

marcado e em que segmento (copó); que há tentativas de escrita que não coincidem com a forma ortográfica e que não são da língua (pasn - com acento no s); que há marcas de instabilidade que aproximam fala de escrita, como em plástico/plásxico); e que há palavras que as crianças sabem como escrever.

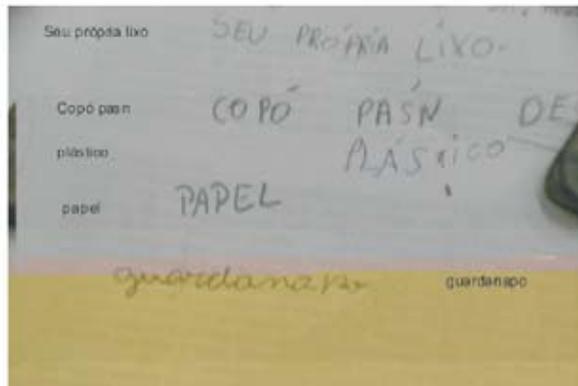


Figura 3: Reciclagem de lixo do CCazinho – outubro de 2007

A idéia de leitura/escrita que permeia as atividades propostas no CCazinho para enfrentar as dificuldades que as crianças apresentam é a de que vivemos situações e ocupamos papéis sociais de leitores, escreventes e falantes. Muito diferente disso é o que se vê nos cadernos escolares dessas crianças em que estão muito presentes cópia, ditado, exercícios mecânicos, reproduções, conteúdos gramaticais; e raramente há textos escritos por elas.

Considerações Finais

Destaco para fechar este artigo pontos importantes para os dados e seus sujeitos que dizem da linguagem na afasia e das dificuldades de leitura/escrita.

Os dados de sujeitos afásicos e a reflexão acerca da afasia possibilitam por em destaque processos de significação que se interpõem na impossibilidade de dizer por meio de arranjos que selecionam e combinam palavras, o que faz fluir o discurso. Os dados mostram que

sujeitos afásicos não dispõem, como antes, dos recursos expressivos para significar, mas experimentam na interlocução outros processos de significação que ajudam na tradução intra e inter-semiótica que estabelece a equivalência na diferença e a possibilidade de “traduzir signos por outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema” (JAKOBSON, 1959/1975, p. 66).

Os dados são produzidos em práticas com a linguagem exercidas na avaliação e no processo terapêutico, individual ou coletivo, quando o afásico tem a ocasião de vivenciar a possibilidade de outros fatores atuarem com igual ou maior força na determinação da interpretação pretendida mesmo que o *dito* se apresente de forma (mais) incompleta. Tais fatores ajudam na seleção de processos alternativos de significação, que podem se apresentar de diversas formas: gestos, elementos da situação, ditos anteriores, conhecimento partilhado e tantas experiências que constituem a (inter)subjetividade.

Os dados mostram que a afasia submete o sujeito afásico a não dizer algo e a dizer/mostrar/fazer outra coisa em seu lugar; outras palavras ocupam o lugar da palavra pretendida, sendo muitas vezes difíceis de serem abandonadas; por isso são repetidas e retornam sempre na fala: restos de linguagem para Freud (1891/1973), um dizer sem inibição que ocupa o *dito* pretendido. Um deslocamento com substituição (FREUD, 1901/1969).

Da perspectiva discursiva, para além da lesão cerebral, um sujeito é afásico quando lhe faltam recursos de produção e interpretação para exercer a linguagem, sem, no entanto, faltar-lhe a função cognitiva/psíquica de poder traduzir, por meio de processos alternativos de significação, o que quer dizer. Faz isso por meio de silêncios com expressividade, palavras que não são ditas, palavras ditas, segmentos de palavras, não-palavras e palavras que involuntariamente se apresentam, entremeadas pela presença do corpo, de gestos, percepções, associações, objetos, ações, possibilidades de (re)*dizer* o novo no velho que caracterizam a linguagem em estados de afasia.

Levando naturalmente em conta que um grupo é destinado a adultos

e outro a crianças e jovens, as práticas com a linguagem que experienciam envolvem: a fala em condições dialógicas; a leitura e a discussão da mídia escrita; a discussão da mídia falada; a dramatização de cenas cotidianas; jogos envolvendo o raciocínio e o corpo; uso do computador para diversos fins; roda de leitura em que as crianças descobrem que gostam de ler para o(s) outro(s); escrita individualizada e em conjunto; atividades de culinária e lanche comunitário; passeios; visitas a museus e exposições.

Para as crianças e jovens damos atenção ao que, por alguma razão, os faz, ou pode fazê-los, sujeitos da linguagem. Ler, escrever, falar, sentir, ver, imaginar dispostos em uma rede complexa de relações é o que tem ocorrido no CCazinho em meio a diversas atividades que naturalmente têm a presença do escrito para se relacionar com o(s) outro(s), consigo e com a vida organizada em sociedade. E assim entram no mundo da escrita (OSAKABE, 1982).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. **Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Guillimard, 1970. Edição original: 1966.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. Processos Enunciativo-Discursivos e Patologia da Linguagem: algumas questões linguístico-cognitivas. **Cadernos do CEDES**, Campinas, v. 24, p. 66-78, 1991.

_____. O que é dado em Neurolinguística?. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 179-194.

_____. A linguagem em funcionamento na afasia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.36, n. 3, p. 449-455, 2001.

_____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42,

n. 42, p. 99-129, 2002.

_____. **Projeto Integrado em Neurolinguística: avaliação e banco de dados.** Campinas: Unicamp, 2006.

_____. ; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.

_____. ; FREIRE, F. M. P. **O trabalho do cérebro e da linguagem: a vida e a sala de aula.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. Processos de significação no estudo discursivo da afasia. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA ISAAC, 2., 2007. Campinas. **Anais...** Campinas : UNICAMP, 2007. CD.

_____. ; FREIRE, F. M. P.; GOMES, T. M. Sem falar, escrever e ler e ainda sujeito da linguagem. **Estudos Linguísticos**. São Carlos, n. XXXV, p. 1375-1384., 2006.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber.** Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1986. Edição original: 1969.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 22, 1992, p. 9-39. Texto original: 1977.

FREUD, S. **A interpretação das afasias.** Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973. Edição original, 1891.

_____. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Edição original 1901.

_____. Carta 52. In: _____. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos das obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 324-331, 1990. Edição original: 1886-1989.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GOLDSTEIN, K. **Language and Language Disturbances.** New York: Grune & Stratton, 1948.

GOMES, T. M. **Quatro estudos de afasia e um sujeito da linguagem: um estudo neurolinguístico.** 2007. 161 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ISHARA, C. **A-FA-SI-A: Um sujeito em cena.** 2008. 114p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade

Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

JACKSON, H. On the nature of the duality of the brain. **Medical Press and Circular**, Ottawa, v. 1, ns. 19, 41 e 63, 1915. Edição original: **Brain**, v. 38, ns. 80-86; 87-95; 96-103, 1874.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE M.; e LEITE, Y. (Org.). **Novas Perspectivas Linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970. p.43-54. Edição original 1955.

_____. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 34-62. Edição original: 1956.

_____. Aspectos Linguísticos da tradução. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 63-72. Edição original: 1956.

LURIA, A. R. **Neuropsychological Studies in Aphasia**. Amsterdam: Swets & Zeitlinger B.V, 1977.

_____. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Edusp, 1981. Edição Original: 1970.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MORATO, E. M. et al. **Sobre as afasias e os afásicos** - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas). Campinas: Unicamp, 2002.

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kairós, 1979.

_____. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 147-152.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1986. [s.p]. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Aprender a escrever (re)escrevendo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma Abordagem Sociolinguística da Afasia: O Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma Comunidade de Fala em Foco.** 2006. 175 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

*Recebido em 10/05/2008.
Aprovado em 20/08/2008.*

SOBRE A AUTORA

Maria Irma Hadler Coudry é doutora em Linguística e Livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Fez estágio clínico na Universidade Livre de Bruxelas (1982 e 1984) e pós-doutorado na Universidade de Newcastle, Inglaterra (1993/1994). É professora da graduação dos cursos de Letras, Linguística e Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp. É líder do Grupo de Pesquisa Projeto Integrado em Neurolinguística: elaboração de banco de dados e de protocolos de avaliação (Unicamp/CNPq). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística, atuando principalmente na relação entre linguagem, cérebro e mente voltada para o estudo da afasia, sob uma visão discursiva, bem como de outras patologias e supostas patologias em que a linguagem está concernida: demência de Alzheimer, dislexia, dificuldade de aprendizagem. E-mail: coudry@iel.unicamp.br